

Os grandes hotéis no dia a dia da imprensa carioca na década de 1920: notas de história e turismo

VERA LÚCIA BOGÉA BORGES (UNIRIO)*

A cidade do Rio de Janeiro é o ponto de partida para nosso percurso. Uma multiplicidade de questões envolve o debate acerca do espaço urbano e, nesse sentido, concentraremos o foco na percepção da cidade como obra coletiva que, de certa forma, desafia a natureza ao criar um espaço que acaba por exercer poder de atração, tal qual um imã. No Brasil, nas primeiras décadas do século XX, grandes transformações atingiram parcela expressiva dos centros urbanos mais destacados. De acordo com Nicolau Sevcenko, o processo de industrialização e a modernização do país a todo custo eram a marca daqueles anos no país. Nesse contexto, é que se verificou tanto o primeiro impulso para o desenvolvimento do turismo como das primeiras estruturas organizadas para receber estes “novos viajantes”.

Por ocasião da comemoração do centenário da independência do Brasil, em setembro de 1922, o governo do presidente Epitácio Pessoa celebrou a data, com destaque para a cidade do Rio de Janeiro, a partir da organização da exposição Internacional montada na praia de Santa Luzia e que se estendeu até a praça Mauá. Várias obras foram realizadas pela cidade como, por exemplo, o desmonte do morro do Castelo e a construção de estabelecimentos como o Hotel Glória com o objetivo de hospedar o grande número de visitantes esperados para a festa do centenário.

Os grandes periódicos cariocas noticiaram essas transformações e serviram de veículo para a comunicação e informação da população em geral desses novos espaços que despontavam na vida da cidade. Na edição de 25 de agosto de 1923, a Revista *Fon-Fon* noticiou:

As festas do Hotel Glória ocupam, incontestavelmente, primeiro lugar entre as reuniões de alta distinção da sociedade carioca. A administração do luxuoso estabelecimento da praia do Russell sabe organizá-las a capricho e dar-lhes, por isso, todo um cunho aristocrático e fino das grandes festas elegantes. Na penúltima quarta-feira, 15 do corrente, o Glória alcançou mais uma vitória com o deslumbrante “réveillon” levado a efeito em comemoração do primeiro aniversário de sua inauguração que coincidiu com o dia da sua padroeira, Nossa Senhora da Glória. Foi o acontecimento mais comentado e mais chic da semana passada. Os

* Doutora em História (PPGH-UERJ), Professora no curso de Turismo da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e autora dos livros *A Batalha Eleitoral de 1910: Imprensa e Cultura Política na Primeira República* (Apicuri/FAPERJ, 2011) e *Morte na República: os últimos anos de Pinheiro Machado e a política oligárquica (1909-1915)* (IHGB/Livre Expressão, 2004).

amplos salões daquele majestoso hotel regurgitaram de gente fina e vibraram dentro da harmonia de sorrisos delicados e do perfume de mil “toilettes” luxuosas. (FON-FON, 1923. p.10-11).

Ainda na revista *Fon-Fon*, em várias edições daquele ano, existia uma nota de divulgação, no estilo de anúncio, acerca dos grandes hotéis e restaurantes do Rio de Janeiro que apresentava:

Hotel Avenida – O mais importante do Brasil, com telefone e água corrente nos quartos. Diária a partir de 18\$.

Hotel Globo – Rua dos Andradas 19 – 140 quartos – Preferido especialmente por sua situação [localização] central. Frequência anual de 30 mil hóspedes. Serviço de Elevador Elétrico. Diária sem pensão. 8\$000. Diária com pensão de 10\$000.

Fluminense Hotel – Praça da República 267/269. Edifício especialmente construído com acomodação para 350 pessoas. Elevador elétrico. Magníficas varandas. Boas salas. Jardim interno. Esplêndido serviço de restaurante. Diária sem pensão 8\$000. Diária com pensão de 15\$000. (FON-FON, 1923. p.5).

Naqueles anos, um prédio com imponente fachada estava sendo erguido para abrigar um hotel de luxo que viria a ser considerado o mais tradicional do Rio de Janeiro, o Copacabana Palace. Ao longo de décadas, esse hotel hospedou membros de diversas realidades, estrelas de cinema, teatro, música, esportes, assim como políticos e grandes empresários que usufruíam da sofisticação do local. O projeto de sua construção foi desenhado pelo arquiteto francês Joseph Gire que se inspirou nos famosos hotéis da Riviera francesa. Sua inauguração deveria ter ocorrido por ocasião das celebrações de 1992, todavia, os atrasos na obra - a execução de suas fundações e a importação de mármore e cristais - adiaram a entrega do estabelecimento em um ano.

A edição do jornal *Gazeta de Notícias*, de 14 de agosto de 1923, apresentou nota referente à inauguração de um suntuoso hotel, o Copacabana Palace, ocorrida no dia anterior:

A convite da diretoria do Copacabana Palace, o sr. presidente da República saiu ontem, pela manhã, do palácio do Catete, dirigindo-se àquele suntuoso estabelecimento, cuja inauguração foi presidir.

S. Ex. partiu do Catete acompanhado do Dr. João Luiz Alves, ministro da Justiça; Dr. Alaor Prata, prefeito do Distrito, general Santa Cruz, chefe da Casa Militar, demais oficiais que a compõem, dirigindo-se diretamente ao novo hotel, cujas dependências percorreu, tendo palavras de louvor por tudo quanto viu e felicitando a companhia pelo esforço que a sua iniciativa representa.

No Copacabana-Palace foi oferecida a S.Ex. e comitiva uma taça de champagne, bebendo o chefe de Estado à prosperidade da empresa, cujo talento de realização pôs em relevo. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1923:2)

3

A inauguração ocupou as páginas dos principais periódicos cariocas. Na edição semanal da revista *Fon-Fon*, de 18 de agosto de 1923, com o título de *Maravilhas do Rio Moderno*, lemos:

O monumental “Cassino Copacabana Palace”, que, situado no ponto mais magnífico da Avenida Atlântica, acaba de ser inaugurado, tendo constituído a sua inauguração, um acontecimento social, ao qual compareceram o sr. presidente da República e sua exma. família.(FON-FON, 1923. p.25).

Vale destacar a existência de uma publicação periódica que circulava na época, a *Revista dos Grandes Hotéis*, que, inclusive, era divulgava na grande imprensa, como encontramos na edição do *Correio da Manhã* de 20 de setembro de 1923:

Está excelente o nível dessa revista dedicada à propaganda ao turismo, à arte e ao mundanismo. Com uma linda capa e formosas fotografias num texto composto de magníficos trabalhos literários e várias interessantes notícias da atualidade, a Revista dos Grandes Hotéis, está uma publicação à altura das suas congêneres do estrangeiro, sendo melhor ainda, merecendo ser lida por quantos se interessem por boa literatura e pelo que digno de nota se passa em o alto mundanismo dos nossos grandes hotéis. (CORREIO DA MANHÃ, 1923. p.3)

No Rio de Janeiro, os grandes hotéis também eram palco das celebrações do Carnaval e, em seus salões, divertiam-se a parcela da população que tinha acesso aos espaços luxuosos misturando-se com os turistas que visitavam a cidade na ocasião. De acordo com a *Gazeta de Notícias*, em 3 de março de 1925, com o título de *A folia carnavalesca no Odeon*, na coluna *Arte Muda*:

Esplêndido esse filme que o Odeon está levando, em que reproduz com fidelidade os melhores tópicos do que foi o último carnaval. E essa fidelidade se reflete em cena por cena, havendo no filme que o Odeon está apresentando cenas que não puderam ser apanhadas por mais ninguém, pois que apenas o operador do Odeon teve permissão para isso – tais os bailes nos hotéis elegantes, no Palace Hotel, no Copacabana Palace Hotel e no Hotel Glória, do qual ainda reproduziu a matinê infantil chic e luxuosa. Para mais, o Odeon fez o seu carnaval, como nos anos anteriores cantando, e por sinal que cantado por um grupo do Clube Ameno Resedá, que como todos sabem foi mais uma vez o campeão de harmonia neste ano, terceiro ano seguido em que vence essa taça, por conseguinte, as cantigas de carnaval foram bem entregues. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1925. p.3).

De acordo com Karina Toledo Solha, outro movimento importante ganhava destaque no país, a tendência de culto ao corpo e à saúde, isto é, a busca pelas estações de cura tanto balneárias quanto climáticas produzia impacto direto no turismo. É importante lembrarmos que, no Brasil, naquele período, a busca por atrativos locais crescia em função da dificuldade de se realizar a clássica viagem à Europa devido à reconstrução do continente decorrente da

4

Primeira Guerra Mundial. Nessa perspectiva, a cidade do Rio de Janeiro, na sua condição de cidade litorânea, realizava festas náuticas como, por exemplo, a realizada na terceira semana de agosto de 1923 em homenagem às nações amigas do Brasil, promovida pela Federação Brasileira das Sociedades de Remo. A regata na enseada de Botafogo contou com turistas e a população carioca, ocorrendo num domingo claro e quente. De acordo com os organizadores, a competição foi um sucesso, pois participaram muitos barcos, dezenas de atletas e, ao final, houve uma celebração que contou com a presença de vários casais que dançaram ao som de música à beira da baía.

Mas, afinal, como o turismo era percebido nas primeiras décadas do século XX? Publicada na edição de 3 de fevereiro de 1923, na *Gazeta de Notícias*, uma nota acerca da ida de um grupo de representantes da imprensa ao pavilhão belga, na praça Mauá - com o título *O que é turismo na Bélgica e o que poder ser no Brasil* –pode nos servir como indício significativo. Os senhores conde Adrien Van der Burch e Roberto Bourdon, respectivamente comissário geral belga à Exposição Internacional do Rio de Janeiro e delgado oficial do Serviço de Publicidade do Ministério de Estradas de Ferro, Marinha, Correios e Telégrafos belga, convidaram um grupo de jornalistas para uma conversa sobre a organização da propaganda do turismo belga no estrangeiro. De acordo com o sr. Adrien, a propaganda de suas belezas naturais, de suas obras de arte, de seus serviços públicos e dos esforços da iniciativa particular, faz com que a Bélgica seja anualmente procurada por dezenas de milhares de estrangeiros. Eles percorrem curiosamente os recantos belgas, ávidos de conhecerem com os próprios olhos o que as fotografias, as revistas ilustradas, os cartões postais, o cinema e os “placards” a cores lhes anunciam. Nesse sentido, o sr. Adrien:

Reparou que aqui no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, nem ao menos possuímos um serviço fotográfico especial para a confecção de cartões postais de propaganda. Acentuou que ele mesmo tem verificado que os estrangeiros que por aqui passam ou que visitam sentem muita falta dos postais, com vistas de nossas belezas naturais, edifícios, obras, etc. Encontra-se alguma coisa, mas pouca e muito cara e não raro também mal selecionada. Concluindo fez um apelo aos jornalistas presentes para [que] empenhassem uma forte campanha pela organização do turismo no Brasil. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1923. p.5)

No mês seguinte, na edição de 3 de março, uma nota apresentava, sob o título *O turismo no Brasil*, a conclusão de que, apesar do turismo ser uma das fontes de renda importantes em vários municípios no estrangeiro, a atividade ainda não recebia a devida atenção por parte do governo brasileiro. Desde a grande Exposição Internacional do

5

Centenário, realizada em 1922, na imprensa, vários escritos destacavam a importância da propaganda brasileira no exterior. Assim, a lacuna desse serviço de informações foi uma das mais destacadas durante o período de festas na cidade do Rio de Janeiro. Prosseguia o escrito:

Entretanto, agora parece que se vai remediar de uma vez esse mal e constantemente se fala já num serviço de organização de propaganda turística do nosso país que, de modo algum, poderá hoje em dia deixar por mais tempo de patentear a todo o mundo as suas decantadas belezas naturais e artísticas. Os nossos confrades do “O Paiz” já por várias vezes abordaram o assunto, e há dias assoalharam que projeta a Companhia Hotéis Palace, proprietária do magnífico Hotel Cassino Balenário, na Avenida Atlântica, a construção em Petrópolis de luxuoso hotel, tendo para tal fim adquirido naquela cidade um vasto terreno. Está, então, assim, tendo finalmente um impulso a ideia da organização da indústria do turismo, entre nós, e à qual não pode absolutamente a imprensa deixar de dar mão forte. (...) E os nossos confrades do O Paiz almejam para muito breve a Petrópolis, ser ela o refúgio ideal dos veranistas, citando a construção da estrada de rodagem, na qual se empenhou o Automóvel Club do Brasil, e apelando para os poderes públicos a acompanharem os empreendimentos favoráveis ao turismo. Nesse ponto, secundamos especialmente o apelo dos colegas chamando a atenção dos nossos homens públicos para os Sindicatos de Iniciativa de Turismo de Petrópolis e Teresópolis, primeiras manifestações que nesse sentido se tenta no Brasil. Amparem os governos com o bafejo oficial iniciativa dessa natureza. Delas só podem advir grandes vantagens à população, ao comércio e aos cofres municipais. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1923. p.4).

As notícias que pareciam exaltar as modernizações e a movimentação do Rio de Janeiro nos levam a formular uma questão: como o carioca no seu dia a dia convivía com as transformações de sua cidade? A indagação sugere resposta complexa e, com certeza, uma possibilidade de resposta apareceu na edição de 16 de agosto de 1923, na *Gazeta de Notícias*, com o título *o Rio Velho, o Rio Novo, o Rio do Futuro*:

É um problema formidável que temos diante dos olhos. Olhamos todos o modo pelo qual se vai modificando a vida nesta graciosa cidade e pouco a pouco, a nossa imaginação vai-se abismando na melancolia de um futuro terrível.

Hoje, alongando os olhos pela paisagem da vida antiga, sorrimos de tristeza, vendo que dia a dia a vida se vai distanciando daqueles cômodos tempos em que o carioca era feliz porque tinha um conforto barato.

Hoje, para ao menos possuir decência e tranquilidade, é preciso fazer inauditos esforços.

Consequência do progresso é verdade, mas ver como é que se operou essa transformação é, por certo, um motivo de amável curiosidade. (...)

O Rio velho era um paraíso, dizem com razão os nossos velhos. O Rio de hoje também pode ser, depende isso apenas das providências eficazes, que consigam amenizar a vida quotidiana cheia hoje de percalços e de terríveis inquietações.

Como, porém, fazer a transformação?

É verdade que não pode ser de uma hora para outra.

(...) Os reservatórios da capital não são suficientes para abastecer uma cidade que aumenta há muitos anos sem que fossem tomadas providências para equilibrar a reserva e o consumo. Por outro lado, o excessivo número de construções e o

aumento da população têm influído grandemente. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1923, p.1). O grifo é nosso.

O relato sem indicação de autoria, procedimento muito comum na imprensa da Primeira República, é ainda mais extenso e traz outros pontos da vida do carioca para reflexão. Aqui vale uma observação. Frequentemente, as reflexões do turismo ao longo do processo histórico têm dois eixos: o primeiro, referente aos turistas – quem são eles, os locais turísticos visitados, as impressões acerca do país – e, o segundo, as mudanças existentes no local turístico para hospedar turistas e viajantes – a construções de locais de hospedagem, a organização do comércio local e os serviços disponíveis. Assim, escolhemos trabalhar o impacto causado na vida do carioca por essa condição de destino turístico. Nesse sentido, a escolha pelas publicações da grande imprensa ajuda da composição do mosaico da então capital federal. Atentemos para a continuação da exposição no jornal *Gazeta de Notícias*:

Como se vê, grandes males necessitam grandes remédios.

Imagina-se que as providências acertadas não vêm em nosso auxílio e em auxílio desta linda cidade, fazendo com que cessem essas intranquilas paisagens da vida quotidiana.

O Rio será um inferno daqui a alguns anos, se as medidas eficazes não forem sendo postas em prática, a fim de nos libertar pouco a pouco do flagelo que nos ameaça.

Vida cara, crise de habitações, falta de água...

Breve será a crise de oxigênio.

Depois outros males continuarão a surgir, fazendo com que o carioca, dono da mais bela cidade do mundo seja prisioneiro da cidade mais lúgubre e mais infeliz.

Nós precisamos tornar cada vez mais atrativa a nossa linda metrópole. O remédio para isso está nas providências que as circunstâncias forem indicando.

Só assim chegaremos ao próximo decênio vivendo num Paraíso, em vez de ir, como parece que vamos ir agora, para o inferno da carestia, onde até a água nos faltará.

(GAZETA DE NOTÍCIAS, 1923, p.1).

O próximo decênio chegou e o Rio de Janeiro não parecia ser o lugar idealizado que os periódicos da grande imprensa mostravam na década de 20. Esse espaço urbano que apresentava aglomeração de pessoas, diferentes edificações e agregava as atividades mais diversas ainda teria longo caminho a percorrer até conquistar a condição de destino turístico para milhares de indivíduos. Em linhas gerais, no século XX, podemos considerar que a cidade parecia ser a força motriz desse processo de mudança e transformação. Todavia, a multiplicação da construção de hotéis e restaurantes e a valorização da beleza natural do Rio de Janeiro pareciam ignorar um problema crucial para o desenvolvimento do turismo, isto é, a construção de uma imagem positiva da cidade a partir da qualidade de vida de seus moradores. Assim, tornava-se essencial o funcionamento satisfatório da limpeza pública, o

7

fornecimento de água e saneamento para a população local, a existência de serviços de educação e saúde, a abertura de novas áreas de lazer, para destacarmos alguns pontos. Certamente, essas são questões que ainda não estão plenamente solucionadas na cidade do Rio de Janeiro, mas como precisamente observa Haroldo Leitão Camargo, quem vive bem na sua cidade está em condições de bem receber os turistas e viajantes. Provavelmente, esse é um desafio permanente para os cariocas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. (Coord.). *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República 1889-1930*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2012. <http://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica>.

ASSUNÇÃO, Paulo de. *História do turismo no Brasil entre os séculos XVI e XX: viagens, espaço e cultura*. Barueri: Manole, 2012.

BARRETO, Margarita et al. *Turismo e Antropologia: novas abordagens*. Campinas, Papirus, 2009.

CAMARGO, Haroldo Leitão. *Patrimônio Histórico Cultural*. São Paulo: Aleph, 2002.

CASTRO, Celso. *Cecília Meireles: o turismo e a viagem*. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. ANPUH. São Paulo, julho 2011. p.1-5.

_____. *Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro*. In: VELHO, Gilberto (Org.). **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p.80-87.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). *Turismo urbano: cidades, sites de excitação turística*. Porto Alegre: Edição dos Autores, 1999.

Correio da Manhã. Rio de Janeiro. Edições de 1922 e 1923. <http://hemerotecadigital.bn.br/>.

ERMAKOFF, George. *Rio de Janeiro 1900-1930: uma crônica fotográfica*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff, 2003.

FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.) *Rio de Janeiro: uma cidade na história*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2000.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. *O Rio de Janeiro que Hollywood inventou*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

8

Fon-Fon. (Revista) Rio de Janeiro. Edições de 1922 e 1923. <http://hemerotecadigital.bn.br/>.

GASTAL, Susana de Araújo. *Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio*. Campinas: Papirus, 2006.

_____. *Turismo, imagens e imaginários*. São Paulo: Aleph, 2005.

Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro. Edições de 1922 a 1925. <http://hemerotecadigital.bn.br/>.

KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph, 2009.

LAGE, Beatriz Helena Gelas. (Org.) *Turismo, hotelaria e lazer*. São Paulo: Atlas, 20___. 4v.

MOTTA, Marly. *A nação faz 100 anos: a questão nacional no centenário da independência*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992.

SANTANA, Agustín. *Antropologia do Turismo: analogias, encontros e relações*. São Paulo: Aleph, 2009.

SCHLUTER, Regina G. *Metodologia da Pesquisa em Turismo e Hotelaria*. São Paulo: Aleph, 2003.

SEVENCKO, Nicolau. *A capital irradiante: técnica, ritmo e ritos do Rio*. In: NOVAIS, Fernando (Dir.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.3. p.513-619.

SOLHA, Karina Toledo. *Evolução do Turismo no Brasil*. In: REJOWSKI, Mirian (Org.). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002. p.123-162.

URRY, John. *O Olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel; SESC, 2001.